



20° CONGRESSO
BRASILEIRO DE
**Infectologia
Pediátrica**
DE 14 A 17 DE NOVEMBRO • SALVADOR/BA

Trabalhos Científicos

Título: Características Do Perímetro Cefálico E Alterações De Imagem De Recém-Nascidos Com Zika Congênita

Autores: Natally Guedes Andrade; Thaiza Araújo e Falcão; Juarez Pereira Dias

Resumo: CARACTERÍSTICAS DO PERÍMETRO CEFÁLICO E ALTERAÇÕES DE IMAGEM DE RECÉM-NASCIDOS COM ZIKA CONGÊNITA A microcefalia é um problema de saúde pública que traz consigo consequências definitivas e graves para a vida do indivíduo. No Brasil, a possível associação desta doença com a Zika congênita, sobretudo a partir de outubro de 2015, elevou consideravelmente o número de casos. Em associação, os agravos desta doença também cresceram, o que ratifica a importância da abordagem do assunto tendo em vista a repercussão da microcefalia e suas complicações por toda a vida do indivíduo envolvendo parâmetros financeiros, físicos, psicológicos e sociais. Desta maneira, o presente trabalho tem o objetivo de estudar o perímetro cefálico e as alterações de imagem de crianças nascidas em maternidade universitária de Salvador-Bahia com possível Zika congênita no período entre outubro de 2015 e dezembro de 2017. Trata-se de um estudo descritivo que utiliza dados secundários de prontuários médicos a partir do registro de casos de microcefalia nesta maternidade. A partir da análise dos dados, constatou-se que, no período em questão, 93 recém-nascidos foram notificados com microcefalia, sendo 63,4% do sexo feminino e 36,6% do masculino. Notou-se que a maioria, tanto de meninos quanto de meninas, apresentava-se com um perímetro cefálico menor que -3 desvios padrão ao nascer, o que demonstrava microcefalia grave. Além disso, 51,6% das mães cujos filhos nasceram com esta anormalidade encefálica tiveram diagnóstico de Zika por critério clínico, sorológico e/ou pela identificação do RNA viral através do RT-PCR, sendo que em 18,3% este dado foi ignorado, podendo esta associação com o ZIKAV ser ainda maior. Concomitante a isso, foram analisados também a história de diagnóstico destas mães pelo STORCHs (Sífilis, Toxoplasmose, Rubéola, Citomegalovírus e Herpes) durante a gestação, sendo positivo em 10,8%. Ademais, percebeu-se através dos dados deste estudo que 23,7% dos neonatos microcefálicos tinham fície atípica. Na análise de imagem, os dois principais exames foram a Ultrassonografia transfontanela e o Ecocardiograma bidimensional com doppler colorido (ECO). No primeiro, as principais alterações identificadas foram presença de calcificações parenquimatosas (34,4%) e ventriculomegalia (25,9%). Já no ECO foi visto, principalmente, a presença de forame oval patente (60,3%). Por fim, aborda-se ainda a percentagem comparativa do total de crianças nascidas, por ano, com o total de crianças nascidas com microcefalia. Sendo, a partir de outubro de 2015, 3,34%, em 2016, 2,35% e em 2017, 0,23%. Assim, mostra-se necessário um investimento maior na adoção de medidas preventivas que visam sensibilizar a população acerca do combate ao mosquito transmissor da doença e, aliado a isso, medidas de apoio aos pacientes que apresentam microcefalia e os seus familiares. Palavras-chave: Zika; Microcefalia.